

# Reflexos do passado

OU  
TRO

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PAOLA  
ALEKSANDRA



**Reflexos  
do passado**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Paola Aleksandra, 2020  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Departamento editorial da Editora Planeta  
*Revisão:* Laura Vecchioli  
*Diagramação:* Márcia Matos  
*Capa:* Filipa Damião Pinto | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Aleksandra, Paola  
Reflexos do passado [livro eletrônico] / Paola  
Aleksandra. -- São Paulo : Planeta, 2020.

ISBN 978-65-5535-097-5 (e-book)

1. Ficção brasileira I. Título  
20-2306

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

2020

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986, 4<sup>a</sup> andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

I.

## Cecília, São Paulo, abril de 2020, 32 semanas

Faz um mês que não leio sites de notícias ou assisto à TV, buscando de todas as maneiras possíveis manter a sanidade em meio ao caos criado pela Covid-19. Mas meu vizinho de sessenta anos não pensa da mesma maneira e passa o dia todo com a televisão ligada – não que eu o culpe por querer manter-se informado, só queria ter um pouco mais de controle sobre as informações que chegam até mim. Se eu pudesse, preferiria não saber que o Brasil acabou de ultrapassar a China e que contabiliza mais de dez mil mortes por coronavírus.

Quando escolhi alugar um apartamento na Zona Sul, recém-reformado e todo mobiliado com peças brancas e modernas, estava mais preocupada com o custo-benefício de morar perto da faculdade do que com as paredes finas do prédio. Na época, o que eu queria mesmo era experimentar a liberdade de morar longe dos meus pais. Depois de viver vinte anos em uma cidadezinha no interior de Goiás, vir para São Paulo sozinha era meu sonho. Por

isso, não pensei nas desvantagens de morar em um prédio de vinte andares e seis apartamentos por piso. Na verdade, durante os últimos oito anos nunca vi sequer um aspecto negativo no lugar que aprendi a chamar de lar. Mas quando se é obrigada a passar vinte e quatro horas por dia trancada em uma área de quarenta e dois metros quadrados, fica fácil listar tudo o que gostaria que fosse diferente. Por exemplo, o volume da televisão do meu vizinho.

Ainda não acredito que ultrapassamos a marca de dez mil mortes. Para mim, é impossível quantificar tamanha perda. A voz da apresentadora do Bom Dia Brasil ecoa do apartamento ao lado e, enquanto ela lista as estatísticas da curva de ascensão do vírus, me pego pensando nas famílias atingidas, nas relações interrompidas de forma abrupta e nas milhares de vidas que ainda serão roubadas. Não quero pensar no amanhã e no cenário assustador que ele nos reserva, então uso as mãos para tampar as orelhas, em uma tentativa infantil de abafar o som da TV. Em alguns dias, fugir da realidade me parece a única chance de sobreviver à solidão e ao medo constantes, mas, neste instante, nem isso sou capaz de controlar.

*“No Brasil, os casos fora do grupo de risco estão aumentando, principalmente entre crianças e adolescentes, o que causa preocupação na população...”*

Tento evitar, mas as malditas palavras me alcançam na varanda. Por recomendações médicas, e para fingir que não estou presa em casa há exatos dois meses, eu passo todas as manhãs no chão da sacada do apartamento, espremendo o corpo em manobras surpreendentes para aproveitar os poucos raios de sol que cobrem o pequeno espaço. Mesmo

sabendo que o mundo lá fora está tomado de dor e medo, uma parte de mim se sente segura nesse minúsculo refúgio. Ou ao menos era assim que eu me sentia até hoje.

*“Camila Silva está no Hospital e Maternidade Santa Joana e traz notícias do recém-nascido que foi internado em estado grave na UTI neonatal nessa madrugada, após testar positivo para o novo coronavírus. Mais três bebês foram avaliados, dois deles não testaram positivo e o terceiro, que foi infectado, recebeu alta por estar assintomático.”*

Anos atrás, eu inventei de fazer um tratamento estético que consistia em receber centenas de agulhadas por toda a extensão das minhas estrias – as pequenas agulhas entravam na pele, giravam até inflamar o tecido e finalizavam o procedimento com a liberação de um gás que até hoje não sei para que servia. Lembro de suar frio ao sentir o choque de dor percorrer todo o meu corpo. E é exatamente assim que me sinto ao ouvir as palavras da âncora do jornal, só que dessa vez as ferroadas de dor me consomem com uma intensidade infinitamente maior.

Em exatos dois meses minha vida mudará por completo, mas o que deveria ser um momento de alegria e renascimento poderá se tornar um pesadelo. Por causa do coronavírus, quando a hora chegar precisarei entrar no hospital sozinha. Estou longe dos meus pais, do meu melhor amigo, da minha irmã e da minha cunhada, então o único amparo que terei é o que vem de dentro de mim – o qual, nesse momento, é praticamente nulo. Sentada na varanda com o rosto marcado por lágrimas silenciosas, percebo que viver alienada não é mais uma opção, principalmente agora que bebês estão sendo contaminados nas maternidades.

Corro os olhos pelo apartamento como se o vírus estivesse na minha sala de estar, escondido entre as mudas de begônias e alocásias espalhadas pelo chão. Em questão de segundos o medo dá lugar ao pânico irracional. Fico presa em uma espiral decrescente formada pelos piores cenários possíveis; neles, a morte sempre dá um jeito de me encontrar. Sinto o ritmo cardíaco acelerar e a respiração falhar. A essa altura, já sou capaz de prever os sinais de uma crise de ansiedade, então abraço as pernas com força – tomando cuidado para não apertar a barriga – e escondo o rosto nos joelhos. Respiro fundo uma dúzia de vezes, canto baixinho uma melodia qualquer e visualizo as pessoas que amo. Passo vários minutos assim, concentrando-me nos raios de sol que tocam minha pele e nos inúmeros sonhos que gostaria de realizar: comprar a fazenda abandonada ao lado da propriedade rural dos meus pais, lançar minha marca de cosméticos, viajar para a Turquia, aprender alemão, pintar o cabelo de rosa, segurar um bebê saudável e risonho nos meus braços... Em dias bons, a fantasia funciona, nos dias ruins, não. Por sorte, hoje é um dia bom.

Nos dias ruins, tudo o que posso fazer para superar uma crise de pânico é ligar para a minha terapeuta e – após sessões longas e cansativas –, me enrolar em posição fetal e chorar até ser vencida pelo cansaço. A disponibilidade dela em me ouvir é o que tem me ajudado a superar as constantes crises. Já nos dias mais amenos, busco conforto no colo da minha mãe através de uma chamada de vídeo, preparo um bolo de cenoura com calda de chocolate e uma xícara quentinha de chá de camomila ou passo um tempo meditando. Os exercícios de respiração que aprendi na terapia

têm funcionado como um leme. Enquanto inspiro e expiro, tomo consciência das centenas de movimentos que meu corpo faz para inalar e liberar o ar. São nesses instantes que a constante de pensamentos racionais me traz de volta ao presente – e é exatamente disto que eu preciso: aceitar que por mais que eu tente, não posso controlar o futuro. Preciso manter minha mente no aqui e agora.

Assim que consigo controlar minhas emoções, me levanto da sacada e sigo até o quarto, buscando o celular que escondi na última gaveta da mesa de cabeceira. Apressada, ligo o aparelho e, depois de colocar uma música qualquer para tocar bem alto – abafando as notícias que ecoam do apartamento vizinho –, abro uma janela do navegador e começo a pesquisar sobre o vírus e o seu comportamento em bebês recém-nascidos. Lágrimas embaçam meus olhos, mas continuo lendo todas as matérias que encontro sobre o assunto.

Em todos os milhares de casos notificados no mundo, apenas um bebê morreu após testar positivo para a Covid-19. Apesar de fazerem parte do grupo de risco, os dados apontam que grávidas não são mais suscetíveis ao vírus. E, além disso, algumas universidades estão estudando o leite materno e seus anticorpos para descobrir se eles seriam úteis no combate à doença. Ao ler as matérias, metade de mim fica aliviada enquanto a outra não consegue parar de pensar na única mãe que perdeu seu filho para esse vírus odioso. É impossível não imaginar que poderia ser eu em seu lugar.

No meu primeiro dia na faculdade de enfermagem aprendi que vidas não são estatísticas impressas em uma folha de jornal, e, apesar de tudo o que já vivi dentro e fora



de um hospital, tal afirmação nunca fez tanto sentido para mim. Pouco me importa se entre cem mil mortes apenas uma foi a de um bebê. **Essa única vida importa.** E é por isso que ela vai pesar nos meus ombros toda vez que eu olhar para a minha barriga e imaginar como serão os próximos meses.

Jogo o celular na cama e me sento na beirada do colchão. Talvez hoje não seja um dia bom no final das contas. Quero me esconder embaixo das cobertas e apagar da mente cada uma das notícias que li, mas sei que, se fizer isso, amanhã acordarei ainda mais apavorada. Quando eu era mais nova, acreditava que ignorar meus problemas faria com que eles desaparecessem, mas hoje entendo que fugir só os torna maiores. Uma hora ou outra somos obrigados a lidar com as nossas inseguranças.

Decido mandar uma mensagem para Carla, a minha terapeuta, mas antes que alcance o telefone sinto um chute no topo da costela. O movimento se repete de forma ritmada, ressaltando o fato de que não estou sozinha. O chute me faz lembrar de que, independentemente do tamanho da minha desilusão, carrego dentro de mim toda a esperança de que preciso para lutar por um futuro melhor.

Não por mim, mas por *ela*.

— Vamos passar por isso juntas. — Levo as mãos até o abdome, instintivamente procurando conforto na vida que pulsa dentro de mim. — Pode confiar em mim, filha. Prometo que logo estaremos caminhando pelas ruas movimentadas de São Paulo.

Decidida a construir boas memórias, deixo o celular de lado e caminho até o quarto que improvisei para a bebê.

Usei paredes de gesso para criar um espaço reservado para ela entre o meu quarto e o único banheiro da casa. Assim como tudo no apartamento, o cômodo não é muito grande, mas é mais do que o suficiente para criarmos boas memórias. Seremos eu e a minha filha, unidas contra o mundo, e é isso que importa.

Já que não posso comandar o rumo do nosso futuro, decido lavar roupinhas, pintar paredes, organizar a mala da maternidade e tudo mais que for necessário para viver um dia de cada vez. O melhor que posso fazer nesse momento é aceitar que o amanhã não me pertence.

Com vírus ou sem vírus, o futuro nunca foi meu para controlá-lo.

OU  
TRO

Planeta